

ESPAÇO-TEMPO E MOBILIDADE TERRITORIAL

Maria de Nazaré Oliveira Roca

Esta comunicação tem como objectivo discutir a validade da Hipótese da Transição da Mobilidade Territorial de Zelinski no mundo globalizado actual.

Nas últimas décadas, poucos têm sido os contributos conceptuais e teóricos para a problemática da mobilidade territorial. A Hipótese da Transição da Mobilidade Territorial do geógrafo americano Wilbur Zelinski publicada na *Geographical Review*, em 1971, continua a ser uma grande contribuição nesse sentido. Merece, assim, atenção especial dos cientistas sociais empenhados na teorização e conceptualização da mobilidade espacial.

Zelinski (1971: 221-222) resumiu a sua Hipótese na seguinte sentença:

Há regularidades bem definidas e padronizadas no crescimento da mobilidade pessoal através do espaço-tempo nos períodos recentes da História e essas regularidades são um componente fundamental do processo de modernização.

De acordo com Zelinski (1971: 225-226), a mobilidade espacial é dividida em duas categorias distintas: as *migrações*, definidas como *mudança permanente ou semi-permanente de residência...ou ainda melhor, a transferência espacial de indivíduos de uma unidade social ou vizinhança para outra, que enfraquece ou rompe as ligações sociais*

anteriores. As migrações têm as seguintes subcategorias: internacionais, colonização (nacional ou internacional) de novas fronteiras, migrações campo-cidade, inter e intra-urbanas. A outra grande categoria de movimentos territoriais seria a *circulação*, que inclui uma grande variedade de movimentos, em geral, regulares, ocasionais ou sazonais de curta duração que *não* implicam mudança permanente ou temporária de residência habitual.

A Hipótese da Transição da Mobilidade Territorial de Zelinski descreve cinco etapas de mudanças. A primeira etapa, *a da sociedade tradicional pré-moderna*, é caracterizada por um baixo nível de quase todas as formas de mobilidade territorial. Na etapa seguinte, na *sociedade em fase inicial de transição*, ocorrem migrações internas e internacionais em massa das áreas rurais para as áreas urbanas, assim como para áreas de fronteira, acompanhadas por um crescimento significativo da circulação (principalmente devido ao aparecimento do navio a vapor e do comboio, além da construção e melhoria das estradas). Na terceira etapa, na *sociedade em fase final de transição*, diminui a intensidade das migrações campo-cidade e das migrações internacionais ao mesmo tempo em que aumentam o volume e complexidade da circulação. Na quarta etapa, na *sociedade avançada*, começam a predominar novas formas de movimento: com a crescente urbanização, dentre as migrações, as inter e intra-urbanas tornam-se as formas dominantes. Devido a melhorias nos padrões de vida e nos transportes (por exemplo, a expansão do uso do automóvel), a circulação cresce de um modo acelerado. Ocorrem migrações internacionais maciças, de mão-de-obra não qualificada ou pouco qualificada de áreas menos desenvolvidas para áreas mais desenvolvidas, ao mesmo tempo em que há migrações de quadros qualificados ou altamente qualificados a nível internacional com fins específicos. Numa quinta etapa, na *sociedade super-avançada do futuro*, o ritmo elevado do progresso tecnológico influencia todas as esferas do quotidiano. Quase todas as migrações de carácter residencial são inter ou intra-urbanas; algumas formas de circulação, já existentes ou por surgir, poderão continuar a aumentar. Entretanto, as migrações em potencial podem ser absorvidas pela circulação, com a melhoria cada vez maior dos transportes ao mesmo tempo em que algumas formas de circulação podem ser absorvidas por sistemas avançados de comunicações em expansão. Há, também, a hipótese da existência de um controlo político dos movimentos dentro e através das fronteiras dos países.

Após esta breve exposição do pressuposto básico e do resumo das etapas da Hipótese da Transição da Mobilidade Espacial, passamos à sua discussão, salientando o seu carácter espaço-temporal.

Enquanto que a maioria dos modelos de mobilidade territorial era a nível micro ou médio, o de Zelinski se destacou por ser ao nível macro e por ser um dos poucos modelos que integram explicitamente as perspectivas temporal e espacial. Para atingir esse objectivo, Zelinski combinou as Leis das Migrações de Ravenstein (posteriormente actualizadas por Everett Lee) com as etapas da Teoria da Transição Demográfica que descreve a evolução a longo prazo das taxas de natalidade e mortalidade, que vão diminuindo conforme a sociedade se moderniza.¹

A Hipótese é fundamentada na Teoria da Modernização, uma das linhas de pensamento das Ciências Sociais predominantes nos anos 50 e 60, nos países desenvolvidos. A modernização é interpretada como *um processo linear* que forçosamente tem de passar por determinadas etapas.² Nessa época, outros geógrafos desenvolveram, também, modelos baseados nos pressupostos dessa teoria, tendo mesmo surgido uma Geografia da Modernidade (Soja;1968; Schwartzberg, 1969; Gauthier, 1969; Gould: 1970; Riddell, 1972). Uma das abordagens predominantes, em pleno apogeu do uso dos métodos quantitativos, era a analítico-espacial, que estava interessada em descobrir padrões e regularidades que explicassem a organização do espaço. Uma das áreas de maior interesse era a *difusão espacial*, contida no seguinte pressuposto da Hipótese de Zelinski:

Podemos reconhecer nas condições de mobilidade padrões coerentes que se propagam para a frente através do tempo como **períodos sucessivos** e para fora através do espaço como **zonas concêntricas** que emanam de pontos de sucesso, (Zelinski, 197: 222)

¹ Zelinski (1971:222) afirma: *No caso de qualquer comunidade específica, pode ser traçado um paralelo entre o percurso da transição da mobilidade espacial e o da **transição demográfica**.*

² A linearidade do processo de modernização está expressa na seguinte afirmação de Zelinski (1971:222): *Há mudanças **ordenadas** importantes na forma e na intensidade da mobilidade espacial a vários níveis da transição, mudanças essas na função, frequência, duração, periodicidade, distância, percurso, categorias de migrantes, classes de origem e de destino*

Esse pressuposto enquadra-se na conceptualização, da apropriação do espaço-tempo que D. H. Nicolas (1994: 88; 90) denomina de *espaço-tempo linear*, mais precisamente de sua sub-forma – o *espaço-tempo fordista*. Segundo esse autor

... a apropriação do espaço...procura eludir a presença das camadas anteriores de espaço-tempo...Essa concepção ocidental é uma visão desenvolvimentista que implica na possibilidade de um avanço no controle do espaço e no controle do tempo...a internacionalização constitui o sinal mais visível de uma expansão que parte de um centro de poder, se difunde, polariza o espaço circundante e busca adequá-lo à sua própria lógica espaço-temporal. As bases da modernidade são parte dessa racionalidade que implica a mudança permanente, a mudança pela mudança, a inovação como regra e o anterior, o prévio, como fase que se deve rechaçar. A permanência é o estancamento segundo a visão moderna do tempo linear.

Neste contexto, as migrações internacionais, tanto aquelas que ocorreram em fins do século passado, até meados deste século da Europa para o Novo Mundo, como as migrações de trabalhadores da periferia para o centro da Europa, enquadram-se perfeitamente na apropriação linear/fordista do espaço-tempo, traduzida na divisão internacional do trabalho com o fim de uma acumulação cada vez maior de capital. O grande aumento da mobilidade inter e intra-urbana nas etapas da sociedade em transição e, principalmente, na sociedade avançada de Zelinski tem a ver, também, com a apropriação fordista do espaço-tempo uma vez que migrações e circulação constituem um mecanismo para implementar o uso diferenciado do espaço-tempo nas cidades, ou seja, criando espaços funcionais, separados de tempo de trabalho, tempo de lazer.³

Assim como a mencionada Teoria da Transição Demográfica, o modelo de Zelinski foi elaborado com base em observações empíricas relacionadas com a mobilidade espacial na Europa e América do Norte. Contudo, os dados sobre as migrações e circulação são muito mais escassos do que os dados sobre natalidade e mortalidade, principalmente no

³ D. H. Nicolas (1994: 91) salienta que *...a grande cidade é o produto mais acabado do fordismo, traduzido em sua dimensão espacial. Constitui uma forma sumamente hábil de reproduzir as relações espaço-temporais da fábrica, a unidade de produção, e transferi-las para a esfera da sociedade global, conseguindo-se, assim controlar até a esfera da vida cotidiana.*

que se refere às etapas iniciais. Mesmo levando em conta essas limitações, os pressupostos e o conteúdo das descrições das etapas da *sociedade avançada e super-avançada* podem, de um modo geral, ser confirmados quando se trata da situação actual da mobilidade espacial no mundo desenvolvido.

Um exemplo incontestável é a confirmação da *aceleração* de determinados tipos de circulação, nomeadamente a circulação a nível internacional de quadros altamente qualificados e do turismo, nos anos 80 e 90.⁴ Zelinski, no entanto, não menciona quais são os factores económicos ou não-económicos que provocam a aceleração. Esta aceleração tem sido abordada, desde então, por geógrafos e outros cientistas sociais, tendo sido incorporada nos conceitos de convergência espaço-tempo⁵ de Janelle (1969), distanciamento tempo-espaço de Giddens (1991:105)⁶ e compressão espaço-tempo de D. Harvey (1989:257-258)⁷. Todos esses conceitos mostram que a aceleração da mobilidade territorial é uma consequência de uma maior interpenetração e interdependência dos lugares.

Foi, também, prevista a aceleração da circulação inter ou intra-urbana, nomeadamente a diária entre lugar de residência e lugar de trabalho. Entretanto, não foi visionado outro tipo de circulação característico da mobilidade interna actual dos países desenvolvidos, mas envolvendo áreas rurais e aglomerações urbanas, resultante do processo conhecido

⁴ Referimo-nos à seguinte afirmação: *Os processos em questão tendem a acelerar no espaço e no tempo, aparentemente devido à acumulação permanente e à intensificação dos factores causativos dentro de uma determinada comunidade e devido à informação e efeitos transferidos de regiões mais desenvolvidas para regiões menos desenvolvidas.*

⁵ Este é o termo escolhido por Janelle (1969) para descrever o modo como os progressos nas tecnologias dos transportes tiveram o efeito de “mover” lugares dentro dos sistemas de aglomerados uns em direcção aos outros através do tempo conforme o tempo de viagem necessário entre lugares diminui e diminui a importância da distância.

⁶ O conceito de distanciamento espaço-tempo está na base da definição do processo de globalização por Giddens (1991:69): A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa.

⁷ De acordo com este autor, a necessidade de procurar novos mercados e de reduzir o tempo de giro do capital, características inerentes ao sistema capitalista, é a principal causa do encolhimento do Mundo em espaço-tempo. Torna-se economicamente lógico reduzir barreiras, uma vez que o movimento de capital e trabalho através do espaço envolve custos. Ademais, como tempo é dinheiro, essa lógica capitalista leva a uma aceleração da circulação de informação, mercadorias, capital e *trabalho*.

como contra-urbanização, que marcou o mundo rural nos anos 70 e 80 e que continua presente, mas de forma mais selectiva, em áreas rurais próximas às metrópoles ou atractivas em termos de qualidade de vida. Isto faz com que uma grande parte da população desses países viva o seu quotidiano em dois tipos de espaço-tempo— o espaço-tempo urbano, basicamente, espaço-tempo de produção e o espaço-tempo rural de consumo, principalmente de lazer.

Outro dos pressupostos de Zelinski que foi confirmado é a *absorção* cada vez maior, pelos meios de telecomunicação, de formas de circulação, tanto internas como internacionais, devido ao grande avanço da telemática⁸ que Zelinski não poderia ainda prever, nomeadamente o recurso ao correio electrónico, ao fax, à vídeo-conferência, etc. nos anos 70 e sua crescente aplicação em massa nos anos 80 e 90.⁹ Essa evolução tecnológica trouxe a possibilidade da *simultaneidade no espaço* (Nicolas, 1994:92).¹⁰ Uma de suas consequências directas é a diminuição da necessidade de deslocações. Em verdade, já se podem contar aos milhões as pessoas que optaram (ou tiveram de optar) pelo teletrabalho.¹¹ Muitas dessas pessoas escolheram viver e trabalhar em áreas rurais ou em pequenas ou médias cidades, engrossando o volume da contra-urbanização nos anos 90.

Por fim, o controlo político da mobilidade espacial, tanto a nível nacional como internacional, é outro dos pressupostos de Zelinski que

⁸ Ou seja, a fusão da tecnologia das telecomunicações com a dos computadores.

⁹ O primeiro microprocessador foi inventado em 1971, o primeiro micro-computador em 1975, o seu primeiro produto comercial – o Apple II em 1977, em simultâneo com o lançamento pela Microsoft dos primeiros sistemas operativos para micro-computadores (Castells, 1996: 42, 44, 47 e 353 in Knox e Agnew, 1998:193). Entretanto, já no início dessa década, em 1971, Zelinski salientava que: *Há mudanças concorrentes na forma e intensidade da mobilidade social e no movimento da informação e sob determinadas condições o migrante potencial pode optar por mudar seu lugar no espaço social ou por explorar um fluxo superior de informação em lugar de deslocar-se.*

¹⁰ Nicolas (1994:95) menciona, também, que a simultaneidade no espaço, permitida pela telemática possibilita que os espaços se interliguem em redes: *Sem dúvida, os espaços (e as pessoas nele incorporadas) que se encontram integrados de forma reticular não dependem tanto de seus espaços vizinhos imediatos quanto de lógicas extraterritoriais e não raro extranacionais, que representam justamente o avanço da mundialização sobre a internacionalização.* (Nicolas, 1994:95)

¹¹ Segundo dados do Jornal Público, hoje nos Estados Unidos, há 15 milhões e 700 mil pessoas que se dedicam ao teletrabalho. (Público, “Computadores”, 7 de Dezembro de 1998).

encontra confirmação no mundo desenvolvido de hoje. Em verdade, o progresso dos meios de transportes, nomeadamente, a grande expansão do uso diário do automóvel, a construção de auto-estradas, aliados às crescentes economias de aglomeração, acabaram por se tornar um factor condicionante de uma maior convergência espaço-tempo. Isto deu origem aos congestionamentos nas grandes cidades e ao aparecimento de desconomias de escala, que levaram a que a maioria dos países tentassem ou tenham tentado aplicar medidas de políticas de planeamento regional e urbano, com maior ou menor sucesso, com o fim de (re)orientar os fluxos migratórios interurbanos das grandes cidades para as cidades pequenas e médias, ou de (re)ordenar o território das metrópoles através de um maior controlo da mobilidade residencial e da circulação diária da população. Entretanto, os exemplos de reorientação das migrações e circulação inter e intra-urbanas podem ter mais a ver com a descentralização regional e metropolitana das actividades produtivas, principalmente nos anos 70 e 80 e, mais recentemente, dos serviços, característica do capitalismo pós-fordista. Entretanto, um contra-fluxo de migrações e circulação da periferia para o centro, ou das pequenas e médias cidades para as metrópoles está, também, a ocorrer, uma vez que se iniciou, nos anos 80 e se acelerou nos anos 90 a concentração de actividades que requerem *inputs* de alta tecnologia e quadros altamente qualificados no centro das grandes cidades ou em parques tecnológicos na periferia das metrópoles.

A nível internacional, é provável que hajam, hoje, mais barreiras à mobilidade territorial do que há 100 anos atrás. Como refere King (1995:25), *a globalização da vida económica – do capital, das trocas, da cultura e do mercado de trabalho – não inclui o direito a migrar internacionalmente*. As migrações de quadros altamente qualificados constituem a única excepção, mas são pouco significativas em termos absolutos. Na maioria, os países desenvolvidos estão preocupados com as migrações em massa, que consideram uma ameaça à segurança nacional e à identidade cultural, assim como uma das principais causas do aumento das pressões sobre a habitação, emprego e segurança social. Entretanto, apesar das “fortalezas da Europa e da América do Norte”, as migrações internacionais, principalmente, as clandestinas, não diminuíram em intensidade e, em verdade, têm-se até acelerado.¹²

Zelinski afirma que as, então, sociedades subdesenvolvidas, deveriam, também, passar por *todas* as etapas tanto da transição vital como da

¹² Abordaremos esse assunto, em detalhe, mais adiante no texto.

mobilidade territorial.¹³ O momento crítico para esses países seria a passagem de uma sociedade em fase inicial de transição para uma sociedade em fase final de transição. As que não o conseguissem é porque teriam sofrido o que denominou de “recaída” demográfica, cujas características vitais e de mobilidade não podiam ser especificadas, porque, na altura da formulação da Hipótese quase todos os países em vias de desenvolvimento estavam na fase inicial da transição. Entretanto, o que se pode verificar é que a maioria dos países em vias de desenvolvimento continua na etapa da transição demográfica enquanto que no caso da transição da mobilidade espacial há a simultaneidade no espaço-tempo de vários tipos de mobilidade territorial que, de acordo com a Hipótese deveriam suceder uns aos outros. Isto tem a ver com o facto de ter Zelinski pressuposto que as metrópoles regionais ou nacionais dos países em vias de desenvolvimento funcionavam como o centro de difusão do processo de modernização para as áreas rurais e aglomerados urbanos menores. Afirmava, inclusive, que nestas cidades, interpostas entre dois mundos, uma mobilidade espacial mais elevada e o controlo da mortalidade eram adoptados e então fluíam para o exterior em direcção às áreas rurais tradicionais (na etapa pré-moderna). Subsequentemente, a fecundidade em declínio poderia também ser difundida espacialmente e pelas camadas sociais de mais baixos rendimentos (Zelinski, 1971: 243). Na maior parte dos países, entretanto, não ocorreram essas ondas contínuas de modernização. Pelo contrário, o desenvolvimento socio-económico nesses países tem se caracterizado por se ter difundido de um modo desigual no espaço.

Em consonância, os fluxos de mão-de-obra migrante não ou pouco qualificada das áreas/países subdesenvolvidos para áreas/países desenvolvidos não diminuiu e muito menos cessou como previa Zelinski (1971:248), ao afirmar que com o esgotamento das reservas importantes de trabalho não qualificado nos países subdesenvolvidos, cessariam as migrações para áreas ricas, incapazes de satisfazer, com mão-de-obra local, a procura desse tipo de trabalho. No entanto, a sociedade atingiria um grau tão elevado de progresso tecnológico e social que prescindiria da necessidade de mão-de-obra para a execução de tarefas árduas.

¹³ Sublinha, no entanto, que: *o cenário espaço-temporal de mudança pode ser mantido embora consideravelmente modificado quando uma região inicia sua transição da mobilidade numa data tardia, o que faz com que a data seja um importante elemento a ser levado em consideração* (Zelinski, 1971: 222)

O que, de facto, se tem assistido, desde os anos 80, são a aceleração dos fluxos migratórios e a multiplicação de suas origens económicas, sociais e culturais, devido, em grande parte, à globalização dos mercados de trabalho.

Ocorreram, também, mudanças fundamentais nos factores de repulsão e atracção das migrações internacionais. Os primeiros prevalecem, nomeadamente a pobreza, o sobrepovoamento, a instabilidade política, os desastres ecológicos a par de um conhecimento cada vez maior das condições de vida no mundo ocidental desenvolvido. Geralmente, esta forte pressão para migrar transforma-se em migrações clandestinas devido ao forte controlo da entrada de migrantes do Terceiro Mundo. A estes migrantes se juntam milhares de refugiados ou requerentes de asilo político, sendo difícil distinguir entre refugiados políticos, económicos ou ecológicos. Quanto aos factores de atracção, houve uma mudança significativa na procura de mão-de-obra, tendo diminuído significativamente a procura de migrantes para trabalhar na indústria, devido ao seu declínio, automação ou deslocalização. Por outro lado, com o crescimento dos serviços às empresas aumentou consideravelmente a procura de mão-de-obra altamente qualificada, em simultâneo com a procura de mão-de-obra ocasional com pouca ou nenhuma qualificação para prestação de serviços pessoais, de limpeza, no sector da hotelaria e restauração. Ademais, aumentou a procura de empregados de escritório para execução de tarefas simples e rotineiras e também de mão-de-obra para trabalhar em sectores industriais que têm vindo a se degradar em termos da qualificação de mão-de-obra.¹⁴ (King, 1995: 22-25).

Em resumo, pode-se dizer que há actualmente uma polarização visível nos fluxos internacionais de migrantes – de um lado, migrantes não ou pouco qualificados e do outro, migrantes com alto grau de formação profissional, incluindo empresários, gestores e *experts*.¹⁵

Esses dois fluxos de migrantes acabam por convergir nas áreas de destino – quase que exclusivamente as grandes cidades, principalmente as metrópoles mundiais. Contribuem, assim, para a polarização social ou profissional cada vez maior desses territórios, ou seja, o meio da estrutura

¹⁴ Este tipo de trabalho industrial é frequentemente executado em *sweatshops* ou em casa, geralmente, no sector informal.

¹⁵ Uma grande parte desses últimos migrantes corresponde à mobilidade interna dos quadros das empresas transnacionais.

social dessas cidades está a erodir e o número de ricos e pobres está a crescer assim como o fosso entre eles (Sassen: 1991).¹⁶

Apesar desses dois tipos de migrantes viverem numa mesma cidade, habitam espaços sociais muito diferentes e, mesmo se trabalham no mesmo lugar, ocupam diferentes partes dos edifícios das empresas ou/e cumprem suas tarefas em horários diferentes. Dessa forma, esses migrantes estão ligados ao sistema global de modos diferentes e desiguais e, ao mesmo tempo, estão mais afastados entre si do que se estivessem em cantos opostos do globo. Em verdade segundo Giddens (1991), para cada grupo de migrantes, os contactos sociais à distância são quase tão intensos e importantes e têm tanta influência no processo de mudança social a nível local quanto os contactos directos face-a-face, quase que exclusivamente intragrupo (Leyshon, 1995: 17).¹⁷

Outro tipo de mobilidade internacional, responsável pela justaposição de diferentes espaços sociais dentro das grandes cidades (principalmente as cidades mundiais) é o turismo, que é dominado pela polarização entre consumidores de países ricos e prestadores de serviços, em grande parte provenientes de países em vias de desenvolvimento. Esses últimos talvez tenham anteriormente prestado serviços aos turistas em visita a lugares de origem desses migrantes. Em ambos os casos, apesar de conviverem no mesmo lugar, turistas e prestadores de serviços vivem em espaços sociais bastante distantes e, quase sempre, em tempos diferentes.

Pode-se concluir, após a discussão movida pela Hipótese da Transição da Mobilidade Territorial e sua aplicabilidade no mundo actual, que a ocorrência de diferentes formas de mobilidade espacial que se sucedem no tempo e expandem-se concêntricamente, de modo ordenado, só pode ser confirmada até a época moderna do capitalismo caracterizado pela

¹⁶ Interessante é salientar que a procura desses dois tipos de migrantes nas grandes cidades dos países em vias de desenvolvimento tem a particularidade de ser satisfeita plenamente no mercado interno de trabalho no caso da mão-de-obra não qualificada, sendo apenas complementada a nível internacional, no caso da mão-de-obra altamente qualificada, por quadros de empresas transnacionais, ONGS, organizações internacionais ou *experts* dentro de acordos bilaterais de cooperação e desenvolvimento.

¹⁷ É pertinente mencionar, que Zelinski e Lee introduziram muito recentemente (1998: 281) o termo *heterolocalismo*, que é uma função da profunda reestruturação de relações dentro da sociedade globalizante entre pessoas, lugares e entidades sociais e económicas. O conceito em si refere a populações recentes que entram numa área oriundas de lugares distantes, e que rapidamente adoptam um padrão disperso de localização residencial, enquanto que conseguem ao mesmo tempo permanecer coesos através de uma variedade de meios.

produção fordista, em que a apropriação do espaço-tempo era linear. Conseqüentemente, as etapas da mobilidade espacial, a nível internacional, foram sendo ordenadamente superadas, como está descrito na Hipótese enquanto duraram os processos de internacionalização e transnacionalização da economia. Todavia, conforme a globalização substitui quase que por completo esses processos, passa a predominar o espaço-tempo da simultaneidade. Por conseguinte, os movimentos territoriais podem estar sob influência ainda maior de processos a ocorrer em outros espaços, mesmo não contíguos, uma vez que é cada vez maior o número de espaços que se interligam em rede, como consequência do avanço da globalização.

Bibliografia

- CASTELLS, (1996): *The Rise of the Network Society*, Oxford: Blackwell.
- GAUTHIER, H. L. (1969): *Transportation and the Growth of the São Paulo Economy*, *Journal of Regional Science*, no. 8, pp. 77-94.
- GIDDENS, A.: (1991): *As Consequências da Modernidade*, São Paulo: Editora UNESP.
- GOULD, P. (1970): Tanzania 1920-63: *The Spatial Impress of the Modernization Process*, *World Politics*, no. XXII, pp. 149-170.
- HARVEY, D. (1989) *The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change*, Oxford: Blackwell.
- JANELLE, D. (1968): *Central Place Development in a Time-Space Framework*, *Professional Geographer*, vol. 20, no.1, pp. 5-10.
- KING, R. (1995): *Migrations, Globalization and Place*, in: MASSEY, D; JESS, P.: *A Place in the World*, Oxford: Oxford University Press. (The Shape of the World Series)
- KNOX, P.; AGNEW, J. (1998): *The Geography of the World Economy*, London: Arnold.
- LEYSHON, A. (1995): *Annihilating Space?: The Speed-up of Communications*, in: ALLEN, J.; HAMNETT, C. (eds.) *A Shrinking World?*, Oxford: Oxford University Press. (The Shape of the World Series)
- NICOLÁS, D. H. *Tempo, Espaço e Apropriação Social do Território: Rumo à Fragmentação na Mundialização?*, in SANTOS, M.; SOUZA, M.A; SILVEIRA, M.L: (orgs.) *Território, Globalização e Fragmentação*, São Paulo: Editora Huticec, pp. 85-101.
- RIDDELL, J. B.; HARVEY, M.E. (1972): *The Urban System in the Migration Process: An Evaluation of Stepwise Migration in Sierra Leone*, *Economic Geography*, no. 48, pp. 270-283.

Tempo, Temporalidades, Durações

- SASSEN, S. (1991): *The Global City: New York, London, Tokyo*, Princeton: Princeton University Press.
- SCHWARTZBER, J. E.(1969): *Occupational Structure and Level of Development in India: A Regional Analysis*, New Delhy: Government of India Press.
- SOJA, E. W. (1968): *The Geography of Modernization in Kenya*, Syracuse: Syracuse University Press.
- ZELINSKI, W. (1971): *The Hypothesis of the Mobility Transition*, *Geographical Review*, vo. 61, 219-249.
- ZELINSKI, W.; LEE, B.A. (1998): *Heterolocalism: An Alternative Model of the Sociospatial Behaviour of Immigrant Ethnic Communities*, *International Journal of Population Geography*, vol. 4, no.4, pp. 281-298.